

Mulher



Licença-maternidade: mais tempo para o aleitamento e o afeto

Com orgulho neste 8 de Março, no centenário do Dia Internacional da Mulher, a ampliação da licença-maternidade de quatro para seis meses. Somos a primeira categoria a conquistar esse direito. Foi uma vitória histórica da campanha nacional de 2009, que permite as mães bancárias permanecerem dois meses a mais com seus filhos recém-nascidos. Foram 10 anos lutando junto com o Sindicato por esta importante reivindicação.

Os ganhos sociais e psicológicos da conquista são para toda a família. Especialistas em pediatria são taxativos quanto às vantagens da licença-maternidade de seis meses. Os cuidados maternos - afeto e aleitamento - nesse período proporcionam à criança um desenvolvimento adequado, que facilita seu aprendizado.

A licença-maternidade beneficia toda a sociedade, que verá uma geração futura crescer com muito mais saúde. E a tranquilidade que a mãe trabalhadora consegue ao desfrutar de 180 dias com seu bebê vai refletir positivamente no seu desempenho profissional. Todos ganham com esta conquista. Agora, vamos lutar pela ampliação deste direito para todas as categorias.

ELA FEZ POR MERECEER

Bancárias rendem homenagem a Maria Emília

Esta edição especial do *Jornal Bancário*, dedicada ao Dia Internacional da Mulher, presta uma merecida homenagem à companheira Maria Emília Alves Barbosa, que desde dezembro de 1957, quando entrou para o Sindicato até sua morte em 13 de abril de 2005, foi um exemplo de luta, perseverança e fé nas idéias que defendeu. Maria Emília, como era conhecida no meio bancário, era amazonense. Nasceu em 2 de novembro de 1925, mas viveu a maior parte de sua vida no Rio.

Funcionária do Lloyds Bank, militante do PCB, foi a primeira mulher a ocupar a vice-presidência do Sindicato dos Bancários, integrando a diretoria presidida por Edmilson Martins de Oliveira, eleita para a gestão de 1971 a 1974, no período mais tenebroso da ditadura militar.

No dia da posse, pelo menos seis diretores, entre eles o companheiro Jorge Couto, foram impedidos de assumir seus cargos. Esse cerceamento que culminou com a prisão de Edmilson e outros diretores, além da intervenção da Delegacia Regional do Trabalho (DRT) na entidade, no dia 17 de abril de 1972.

Juntamente com Maria José, esposa de Edmilson, Maria Emilia foi de



Maria Emília (esquerda) e Maria José, durante o lançamento do livro Bancários – anos de resistência 1964-1979, de Edmilson Martins, no Sindicato, em março de 2004, um ano antes de sua morte

grande importância nos contatos com os diretores presos, confortando-os e os encorajando a seguir firmes até serem libertados.

Já aposentada, Maria Emília foi fundamental na organização do Departamento de Aposentados do Sindicato. Participou das caravanas a Brasília para reivindicar melhorias dos benefícios previdenciários. Estava sempre à frente das reuniões políticas,

bem como da organização das festas dos aposentados no auditório do Sindicato. Todas as atividades dos “velhinhos” contavam com a participação de Maria Emilia.

“Ela era uma mulher excepcional, em todos os sentidos, companheira, sempre disposta para a luta e uma grande amiga de todos. Ela faz falta entre nós”, disse saudoso Ítalo Dalla Corte, aposentado de 84 anos.

MILITANTE FEMINISTA

Hospital da Mulher leva o nome de Heloneida Studart

Das quatro maternidades que o governo estadual promete entregar à população este ano, a unidade de São João de Meriti, que será inaugurada no 8 de março, Dia Internacional da Mulher, levará o nome da deputada estadual do PT, escritora e militante feminista Heloneida Studart (foto). Uma justa homenagem àquela que foi uma incansável defensora dos direitos da mulher, grande batalhadora, na condição de parlamentar, em favor da melhoria dos serviços de saúde dedicados às mulheres.



Origem do Dia Internacional da Mulher

Durante décadas a informação sobre o Dia Internacional da Mulher, é de que foi criado para lembrar a morte de inúmeras mulheres em um incêndio numa fábrica têxtil de Nova Iorque, em 8 de março de 1857. A data teria sido proposta por Clara Zetkin, alemã e militante do movimento de mulheres, no II Congresso de Mulheres Socialistas, em 1910, em Copenhague.

A versão, no entanto, vem sendo contestada, desde 2004, por Eva Alterman Blay, professora de Sociologia e Coordenadora Científica do Núcleo de Estudos da Mulher e Relações Sociais de Gênero da Universidade de São Paulo. “Ao participar do II Congresso Internacional de Mulheres Socialistas, em Copenhague, em 1910, Clara Zetkin realmente propôs a criação de um Dia Internacional da Mulher, mas sem definir uma data precisa”, afirma Eva.

O INCÊNDIO

O incêndio na fábrica têxtil, a Triangle Shirtwaist Company, aconteceu, mas no dia 25 de março de 1911, com a morte de 125 mulheres e 21 homens que trabalhavam trancados pelos patrões. Trancar as portas era uma forma dos empregadores tentarem desmobilizar os operários e operárias submetidos a condições de trabalho desumanas e que realizaram uma greve geral do setor, de novembro de 1909 a fevereiro de 1910 por melhores condições de trabalho e salário.

“É muito provável que o sacrifício das trabalhadoras da Triangle tenha se incorporado ao imaginário coletivo da luta das mulheres. Mas o processo de instituição de um Dia Internacional da Mulher já vinha sendo elaborado pelas socialistas americanas e europeias há algum tempo e foi ratificado com a proposta de Clara Zetkin”, acrescenta Eva. No século XX, as trabalhadoras continuaram a se manifestar em várias partes do mundo em diversas datas. Na década de 1960, o 8 de Março foi sendo constantemente escolhido como dia da mulher. Se consagrou nas décadas seguintes e foi instituído, em 1975, pela ONU como o Dia Internacional da Mulher.

Com informações do Núcleo Piratininga de Comunicação (NPC).

Marcha Mundial das Mulheres

CRÉDITO: ANTÔNIO MILENA/AGÊNCIA BRASIL

Este ano, a Marcha Mundial das Mulheres (MMM) vai organizar sua terceira ação internacional. No período de 8 a 18 de março ocorrerão as marchas. No Brasil, o percurso será de Campinas a São Paulo. A solidariedade internacional ocupará o segundo período, de 7 a 17 de outubro. As ações culminarão com um ponto de encontro em Sud Kivu, no Congo, na África, em busca da paz. "Seguiremos em marcha até que todas sejamos livres" é uma plataforma que se baseia em quatro campos de atuação da MMM: bem comum e serviços públicos; paz e desmilitarização, autonomia econômica e violência contra as mulheres. Esses eixos se desdobram em reivindicações.

AUTONOMIA ECONÔMICA

Para construir novas relações sociais e um novo modelo econômico, é necessário reconhecer o trabalho das mulheres e questionar a divisão sexual do trabalho. Entre outros direitos, defendemos a igualdade no acesso ao trabalho e segurança social universal para homens e mulheres.



A FORÇA FEMININA - A mulheres lutam hoje por uma sociedade mais justa e um por futuro melhor para todos

SEM VIOLÊNCIA

A raiz da violência contra as mulheres está no machismo, relacionado à sociedade capitalista, que nos coloca como mercadorias, seja na indústria da prostituição e pornografia, ou na forma como somos representadas na publicidade. Marcharemos contra toda forma de violência contra as mulheres, pela descriminalização do aborto e pelo direito da mulher de decidir os rumos de sua vida e sua sexualidade.

CONTRA AS PRIVATIZAÇÕES

Lutar por bens comuns e serviços públicos significa afirmar princípios de soberania alimentar e se posicionar contra as privatizações de serviços públicos e da natureza. A água é um bem público, que deve ser usado de forma democrática e responsável.

Mais informações sobre as atividades pelo e-mail marchamulheres@sof.org.br ou telefone para (11) 3819-3876.

Assédio moral é maior sobre as mulheres

O assédio moral, uma constante nos bancos, atinge mais as bancárias. Segundo especialistas, o ambiente de trabalho é mais perverso e discriminatório para as mulheres, que encontram diferentes situações de constrangimento, bem como os reflexos da desigualdade de gênero e preconceitos pelas características físicas e biológicas, e até pela importância desempenhada frente à sociedade, como agente atuante na família e no trabalho.

O assédio moral sempre existiu nas relações humanas. Trata-se da perseguição e humilhação sistemática de um indivíduo sobre outro, levando-o ao sofrimento e ao adoecimento. Nas relações de trabalho geralmente acontece de forma vertical, pois o perseguidor sendo chefe já se favorece do poder hierárquico. O assédio, embora não tenha conotação sexual poderá ocorrer como consequência se a vítima não ceder à sedução. Recentemente, a categoria bancária conquistou uma importante vitória sendo a primeira, no Brasil, a incluir o conceito de assédio moral na Convenção Coletiva. Ainda há muito a avançar, mas este foi um primeiro passo para garantir condições dignas e humanas no ambiente de trabalho.



Diretoras e funcionárias do Sindicato com o presidente da entidade Almir Aguiar. Nossa homenagem a todas as mulheres

Nilze Carvalho vem sacudir o Botequim

O show *Coisas Nossas* será antecedido pela apresentação do grupo *Negras Raízes*

Quando Nair de Tefé, esposa do presidente Hermes da Fonseca, dançou um maxixe de Chiquinha Gonzaga, em 1914, foi um escândalo. Choveram críticas ferozes. Mas graças a elas e a outras mulheres corajosas, inteligentes e solidárias, o *rebolation* de hoje em dia só recebe aplausos e gera alegria e produz vibrações positivas.

Este é o clima que a cantora Nilze Carvalho (foto) vem trazer para o Botequim Bancário, na sexta (12), a partir das 18h30, no auditório do Sindicato. Samba, choro, xote, baião, marcha-rancho e outros ritmos brasi-

leiros vão fazer a galera vibrar neste show que comemora o Dia Internacional da Mulher e os 80 anos de fundação do Sindicato.

Como se não bastasse a performance de Nilze – uma das mais importantes artistas da nova geração de sambistas cariocas.

A abertura do show estará a cargo do grupo feminino *Negras Raízes*. O repertório da noite vai de Chico Buarque a Zeca Pagodinho. Venha, cante, dance, vibre. E ame! É de graça.



O auditório do Sindicato fica na Av. Presidente Vargas, 502, 21º andar.

IGUALDADE NO TRABALHO

Mulheres e homens podem dividir responsabilidades e direitos

Os homens precisam compartilhar com as mulheres a responsabilidade pelos serviços domésticos e educação dos filhos



A Contraf CUT tem em pauta para este ano, uma mesa temática com a Febraban para debater a igualdade de oportunidades, na qual as relações compartilhadas entram como assunto prioritário. A recente conquista da licença-maternidade de seis meses nos bancos é um marco na luta por um novo conceito de relações compartilhadas. A sociedade ainda se atém à divisão artificial de papéis para cada gênero: as mulheres cuidam da casa e dos filhos, enquanto os homens sustentam a família.

Uma mentalidade diferente defende que os homens compartilhem com as mulheres a responsabilidade pelos serviços domésticos e pela educação dos filhos, iniciativa que diminuirá a dupla e exaustiva jornada que é imposta às mulheres. Nenhum dos gêneros pode sofrer qualquer prejuízo na vida profissional em função de responsabilidades familiares.

O movimento sindical bancário foi pioneiro ao incluir a questão na pauta de debates dos trabalhadores, quando em 2001, a Confederação Nacional dos Bancários (CNB) lançou a cartilha *Relações Compartilhadas* – um outro mundo é possível. A ousada reivindicação de ampliar para seis meses também a licença-paternidade, proposta em 2008, visa a promover o conceito de relações compartilhadas, em que homem e mulher dividem de forma igual responsabilidades e direitos.

Confira abaixo as bandeiras das trabalhadoras na 3ª Ação Internacional da Marcha Mundial das Mulheres.

IGUALDADE NO TRABALHO

Bandeiras das trabalhadoras

- ✿ Igualdade salarial entre homens e mulheres (Ratificação da Conv. 156 da OIT)
- ✿ Creches públicas e de qualidade (bancárias: aumento do valor do auxílio-creche)
- ✿ Acesso das trabalhadoras rurais à terra, crédito e políticas públicas universais
- ✿ Legalização do aborto
- ✿ Licença maternidade e paternidade de seis meses
- ✿ Maior participação da mulher na política
- ✿ Fim da violência contra as mulheres
- ✿ Alteração do artigo 7º da Constituição Federal pela equiparação dos direitos das domésticas com os demais trabalhadores (as)

Atividades da semana*

8/3

Ato público pelo Dia Internacional da Mulher. Largo da Carioca, das 10h às 14h.

10/3

Debate: “A mulher e sua relação com o seu corpo”. Às 18 horas.

Palestrantes: Flávia Vasques, médica em cirurgia plástica e reparadora, integrante da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica e Adilma Nunes, diretora do Sindicato e psicóloga.

Hilaine Yaccoub, mestre em Antropologia pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Tem como linha temática a Antropologia do Consumo.

Mediadora: Rosana Meira, Coordenadora da Comissão de Gênero, Raça e Orientação Sexual do Sindicato (Gross).

11/3

Painel: “Amamentação e ampliação da licença maternidade”. Às 18h.

Palestrantes: Marcus Renato de Carvalho, pediatra, professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Mestre em Saúde Pública e pós-graduado pela Wellstart International (EUA). Especialista em amamentação pelo International Board Certified Lactation Consultant.

Elizabeth Felipe Carvalho: ex-diretora do Sindicato e da Federação RJ/ES e Cientista Social da UFRJ. Dará depoimento sobre a conquista do auxílio-creche.

Vaniza Schuch Pinto: ativista da amamentação, voluntária do Grupo de Mães Amigas do Peito e ex-diretora do Sindicato.

Mediadora: Kátia Branco, diretora da Secretaria de Políticas Sociais.

Participa da Mesa, também, Jô Araújo, representante da CUT no Conselho Estadual de Saúde.

12/3

Botequim Bancário da Mulher Trabalhadora. Às 19 horas.

Nilze Carvalho e o grupo *Negras Raízes*.

*As atividades dos dias 10, 11 e 12 serão realizadas no auditório do Sindicato (Av. Pres. Vargas, 502, 21º andar).

Ganhe a camiseta do Dia Internacional da Mulher



Ligue para o Sindicato, 2103-4170, entre 12h e 18h e ganhe uma camiseta